



## Os mortos da Academia

O THEBERGE

Não finou-se o bom velhinho, não acabou-se, porque está na memoria affectuosa dos que ficaram a admirar a obra da sua vida intelligente, laboriosa e honesta.

Theberge podia dizer com Renan: « felizes os que no apice da vida verificam que só combateram pela verdade e pelo bem ».

Mas... quem era o preclaro desaparecido? Que signaes deixou de sua passagem pelo mundo? Era o homem das projecções mathematicas, o decifrador dos segredos da mechanic. E no habito do traçamento de linhas e mais linhas—riscou—para seu caminho—uma recta muito comprida e por ella rumou a sua viagem para o seu dia d'amanhã. E foi um homem exacto, conforme a regra delineada ao partir para a vida publica. E cumpria-a. E não se despegava da sua trajetoria... E a gente observando que o homem não se apartava do seu roteiro foi-se acostumando a estimal-o, a consideral-o.

E o respeito social acompanhou-o por toda a vida—até os seus cabellos brancos, até a sua viagem para a ultima mansão.

E olhava o velhinho retrospectivamente, dirigia a vista para a estrada percorrida, dava um balanço no trecho vencido, pensava na sua «visão da mocidade» e vendo-se em todo o tempo, em todas as circumstancias sempre sobre a linha direita--sorria se de contente. E era muito alegre da norma cultivada e a imitar por quem quizesse ser bom e correcto.

Foi Theberge um patriota consummado desde moço. Engenheiro militar--um dos seus primeiros serviços fel-o na Campanha do Paraguai--donde voltou por doente, mas já trazendo o peito bordado de medallas do Brasil, do Uruguai e da Argentina.

Socio fundador da Academia Cearense e um dos tres directores da sua Revista--onde deixou substanciosa contribuição do seu talento e cultura--esteve sempre na brecha. E a sua actividade academica faz jus ao reconhecimento dos seus camaradas de jornada.

Como na Academia, nos annos da engenharia, nas chronicas do ensino fez Theberge marcas indeleveis de um labutar muito proficuo e sem treguas.

Nunca se lhe exigiu um serviço, que não estivesse prompto a prestal-o com animo desinteressado.

Pae de familia muito acatado, muito amado. Na vida intima era um coração todo carinhoso, um character lhano e jovial. Um delicioso conversador. Tinha de continuo episodios interessantes a contar.

Era um moralista--porque consummou-se nas lidas de uma vida bem vivida--cuja lição na familia e na sociedade foi sempre um escaimento, de facto um compendio de moral.

Deixou immaculo e engrandecido o bonito nome herdado--de um trabalhador utilissimo--como fora seu pae, o incançavel autor do *Esboço da Historia da Provincia do Ceará*.

A caracteristica principal de Theberge--era o fazimento do dever--que praticava muito espontaneamente, sem esforço.

Era um velho sábio. Sua palavra pesava como ouro de fino quilate.

Teve em vida o respeito de todos. E na morte o culto á memoria de um homem de bem.

1905.

*Pedro de Queiroz.*

## O BILHAR.

A Academia Cearense está em avultada divida para com o Bilhar—que soube fazer um nome para a familia, para elle e para a sua terra. E presta esta homenagem ás virtudes do inclito morto—escrevendo n'esta pagina pallida a sua saudade.

Quero mostrar umas linhas da physionomia do homem da lei que foi o Bilhar.

Brilhantes e ardorosas, pujantes de talentos as pleiades de 71 e 72 da Faculdade de Direito do Recife—entusiastas de todos os grandes ideaes: João Pedro, Guaraniás, Praxedes, Arcelino de Queiroz, Almino, Sant-Helena Magno, Plinio de Lima, Guilherme Campos, Beltrão, Ventura, Espinoza, Bilhar, José Facó, Th. Pompeu, Xilderico, Lagos, M. Garcez, Aureliano de Campos, Batinga e tantos e tantos. poetas, jornalistas, oradores, publicistas, literatos, artistas—demamaraio-se pelo país inundando-o de fulgurações estranhas. Uns erraram-se pelos caminhos difficeis da magistratura: hoje uns nos cimos, uns pelos meandros da poética, pelos trilhios gloriosos da advogacia, pela literatura: muitos fuzaram-se logo—no começo da jornada—sem o desbrochar completo de seus talentos. Outros sumiram-se no cerrado espesso do desconhecido provinciano.

Bilhar—moço pobre e provinciano fez carreira na esphera modesta, mas limpissima da magistratura. Mais, fez nomeada invejavel. Teve o seu dia.

Tinha a paixão do direito —a sua preocupação

espiritual dominante. Juiz, advogado, professor—figura sempre notavel.

*Sacerdos juris*, Bilhar rendeu culto fervente aos grandes ideaes da justiça. Na curul de sua distribuição era o *bon juge* do ideal francez. Convencido podia dizer com F. Selopis: "*la vita del giudice si divide tra la solitudine de suoi studi e la publicità de suoi operare*". Estudava no silencio de seu gabinete de trabalho, no seu *foyer* intellectual, meditava, escrevia o seu modo de ver e ia lê-lo—a sua sentença, na audiência semanal. Era juiz consciente de sua missão e podia ainda fazer suas as palavras — que Champollion, o moço, leu nas ruinas de um templo egypcio: «eu sou secretario de Deus na sala da verdade e da justiça».

Magistrado muito conhecido—eu respeitava-lhe o saber. Conheci-o pessoalmente juiz de direito de Baturité em 1884—quando—como juiz municipal alli fui iniciar o meu estagio judiciario. Agitavam-se então questões da maior relevancia—tamanhas no foro—que elle deslindava—graças ao cabedal juridico—que lhe enchia a cabeça. Vi-o destrinçar enredos judicarios bem emaranhados.

Acessivel, simples, de uma singeleza captivante, modesto, não sabia fazer alarde de sua superioridade. Era sagaz, de medida, de tacto, tinha a habilidade de adaptar-se ao intellecto dos que se lhe approximavam e se sentiam animados as suas primeiras palavras.

Desceu a cadeira de juiz, que por longo tempo emobrecceu e abriu escriptorio de advogado do tamanho do juiz—que tinha sido, discutindo grandes causas—e d'ellas se sahindo muito airosamente. Civilista profundo—foi convidado para reger uma cadeira na Faculdade Livre do Ceará—onde prodigalisava—por seus jovens discipulos, o thesouro scientifico accumulado por compridas vigalias, na mais intima communhão com os velhos mestres de direito—cujos livros folheava dia e noite e que elle

sabia entender com summo proveito. Era admirado de quantos tinham a fortuna de ouvi-lo.

Era uma intelligencia muito cultivada-- uma bondade insinuante. O homem do lar e dos amigos.

A Academia Cearense se orgulha de possuir o seu nome e de guardal-o como uma saudade, um estimulo e um laurel.

1905.

*Pedro de Queiroz.*

